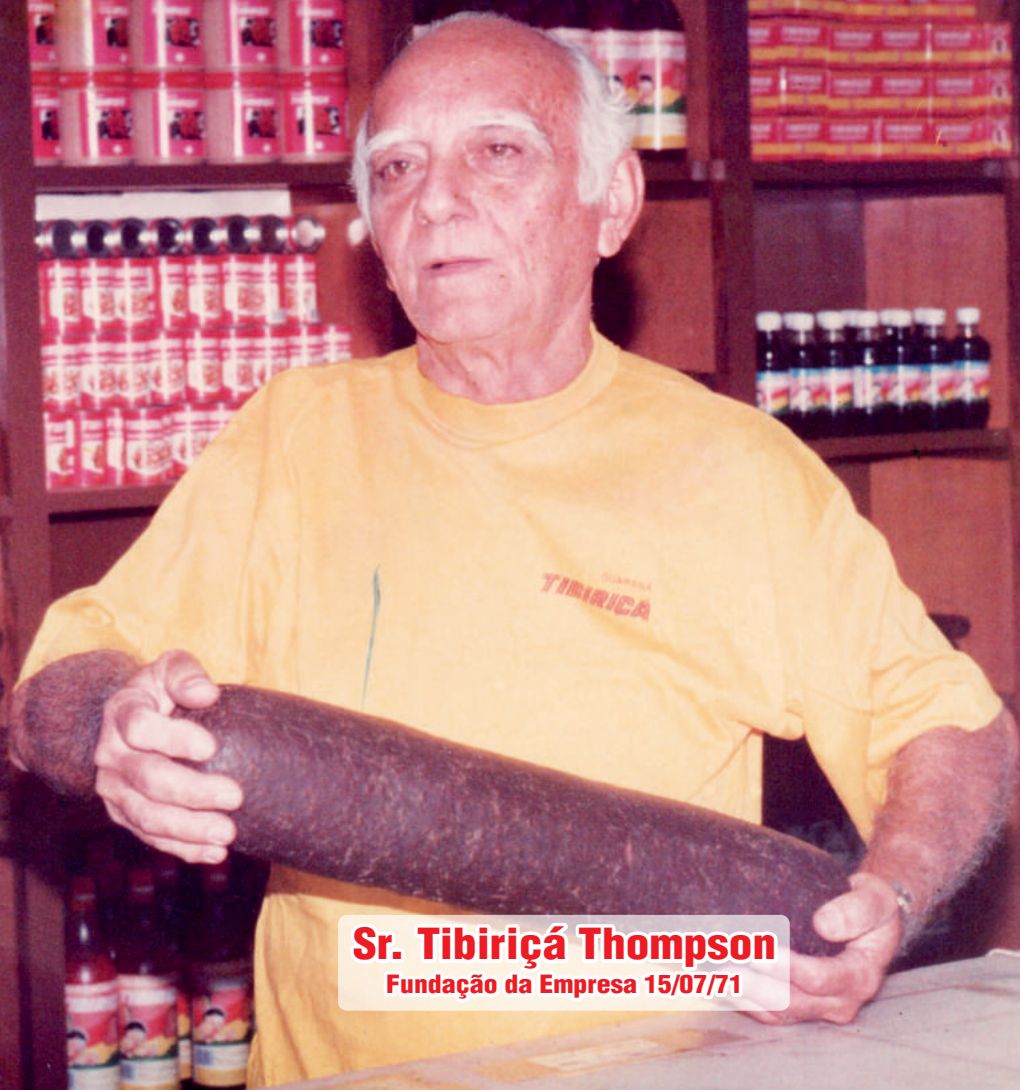




Guaraná
TIBIRICÁ®
Qualidade Thompson



Sr. Tibiriçá Thompson
Fundação da Empresa 15/07/71



Pesquisa, produção e edição
Flávio Thompson, Marcy Monteiro Neto e Sérgio Thompson

Susto no ar e o destino marcado

Um susto no ar e o que parecia ser apenas um aborrecimento na viagem que Tibiriçá Thompson Ferreira Bernardes fazia de Manaus (AM) a São Paulo (SP) mudaria para sempre a vida dele e de toda a família. Começava ali a história de um comerciante descendente de portugueses que ia procurar trabalho na capital paulista e acabou fincando raízes em terras mato-grossenses. Foi em Cuiabá que Tibiriçá conheceu um fruto tipicamente amazonense, mas que até então era estranho a ele: o guaraná. A compra e venda dessa fruta garantiu o sustento da família Thompson Bernardes desde aquele momento até a atual geração.

Por volta de 1964, era um avião modelo DC-3 da empresa Cruzeiro do Sul que partia de Manaus com escalas no Acre e em Rondônia antes de seguir para São Paulo.





Tibiriçá Thompson, década de 50

Tibiriçá acabara de deixar a sociedade em uma padaria na capital do Amazonas. Viajava para procurar oportunidades de negócio na metrópole do sudeste quando o destino parece ter-lhe pregado uma peça.

“O avião sofreu uma pane e teve que pousar em Cuiabá”, lembra Tibiriçá, que nunca havia visitado a cidade e foi obrigado a conhecê-la. Ele e todos os passageiros daquela aeronave tiveram que desembarcar no Aeroporto Marechal Rondon. Uma peça do avião precisava ser trocada e a manutenção só seria concluída no dia seguinte.

Tibiriçá decidiu ficar hospedado em um hotel na rua Galdino Pimentel, que anos mais tarde seria transformada em um calçadão, no centro de Cuiabá. Era lá que ele passaria a noite enquanto aguardava a continuidade do vôo. O hotel ficava próximo à Casa Orlando, comércio



tradicional da época. Em frente ao hotel, conheceu um senhor que mudaria, para sempre, sua vida.



“Não conhecia Cuiabá, rua nenhuma, desci aqui cego” lembra Tibiriçá. Para passar o tempo à espera do vôo, ia para a porta do hotel conversar com as pessoas na rua. “la arrumar amizade e conheci um italiano, de idade, que devia ter 80 anos ou mais. Ele se chamava Giovane”, diz Tibiriçá recordando-se daquele dia. “Esse italiano perguntou se eu acordava cedo. Respondi que acordava bem cedo. Ele disse que queria conversar comigo na manhã seguinte. Giovane era representante de uma firma, um negócio bom, mas queria passar o serviço adiante”, completou Tibiriçá.

Giovane era representante de uma empresa de Corumbá que vendia produtos no atacado para comerciantes de Cuiabá. Dentre os produtos oferecidos por Giovane – Tibiriçá não se lembra do sobrenome dele – estava o guaraná em bastão. O comerciante estava ficando velho, não tinha a quem passar o trabalho e propôs que Tibiriçá entrasse no negócio e herdasse seus clientes.

O italiano era casado, mas a esposa não queria continuar o serviço do marido. Giovane disse que a esposa havia lhe avisado: no dia em que ele largasse o trabalho ou morresse, a mulher não continuaria à frente dos negócios. “Ele disse que gostou de conversar comigo. Disse que, à noite, fez uma relação dos clientes”.

O conselho de Giovane era que Tibiriçá tivesse o primeiro contato com os clientes para decidir se gostaria de trabalhar na venda de guaraná. “Ele que disse para eu conversar 15 minutos com os clientes, ver o preço, bater papo. Era para eu ‘manjar’ o ambiente”, confirmou Tibiriçá. Foi o que ele fez.



Ainda naquele dia, antes de retornar a viagem, Tibiriçá visitou algumas firmas na capital mato-grossense. “Primeiro olhei o ambiente. Vi que daria resultado quando olhei o preço [do guaraná] vendido aqui e lá em Manaus. Vi que era um bom negócio”. A decisão estava tomada. Tibiriçá entrava, naquele momento, no comércio de guaraná.

Em Cuiabá, a tradição era comprar guaraná em bastão. O costume era ralar o bastão. Ralava-se apenas a dose que seria consumida naquele momento. Os comerciantes de Corumbá compravam o guaraná em Manaus e a mercadoria era levada de navio até o Porto de Santos. De lá, era levada também pelos rios até chegar em Mato Grosso. O transporte era demorado e caro, o que onerava o produto para o consumidor final. Trazer de avião ficava muito caro e, pelas estradas, corria-se o risco do caminhão ficar meses atolado devido às péssimas condições das rodovias.

Tibiriçá apostou no negócio e voltou a Cuiabá dois meses depois. Trouxe 300 quilos de guaraná na primeira viagem sem ter, ao menos, acertado a venda com nenhum cliente. “Cheguei aqui e disse que era do Amazonas, que tinha

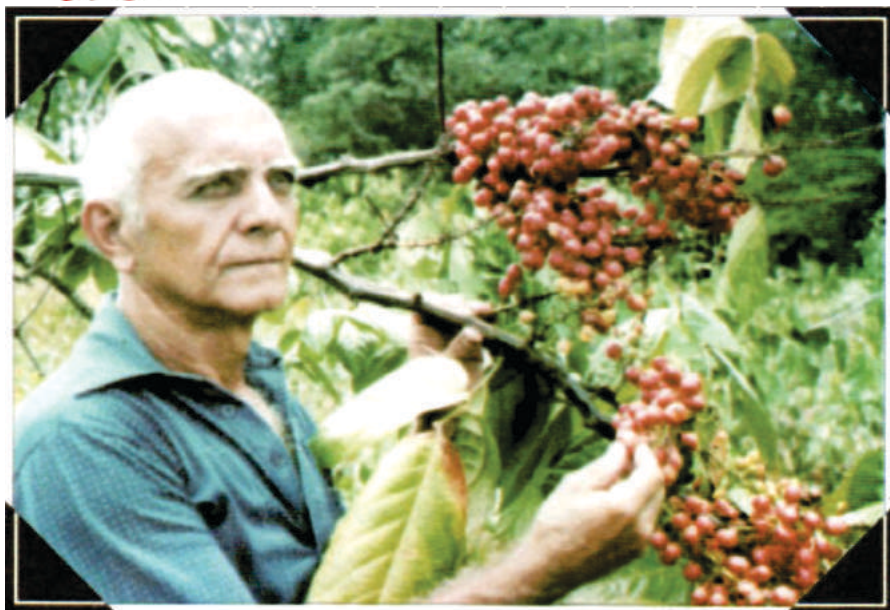


Tibiriçá na década de 50



trazido um pouquinho do guaraná de lá”. A “estratégia” era conquistar os comerciantes. “Não podia dizer que tinha trazido 300 quilos senão só um cliente ia querer todo o guaraná e eu ia ficar mal com os outros. Queria testar a praça toda”, ressaltou. As vendas foram feitas em dois dias. O lucro foi certo. “Nessa primeira entrega, a diferença de preço era tão grande que ganhei dinheiro pra burro. Resolvi ficar com o negócio”.

Nessa mesma viagem, antes de realizar as vendas, Tibiriçá procurou Giovane. Ele se hospedou no mesmo hotel. Chegou por volta de 17h30 e não encontrou o italiano. Tibiriçá decidiu dormir e procurá-lo no dia seguinte. “Acordei, tomei café cedo e fui para a porta. Giovane não estava por ali”. Tibiriçá foi à janela da casa em que o italiano morava. Era uma janela de madeira, que impedia de enxergar para dentro da casa. “Fui lá e bati. Demorou a aparecer gente. Queria falar com ele, que tinha trazido guaraná. Apareceu a cabeça de uma mulher”.



Tibiriçá em uma plantação de guaraná

Era a esposa de Giovane. “Falei que ele havia me indicado os fregueses dele. Ela me disse que, infelizmente, eu teria que me virar sozinho”. A notícia que a mulher deu ainda hoje é lembrada com emoção por Tibiriçá. Giovane havia morrido e fora enterrado no dia anterior. “Foi uma coisa muito triste. Aquilo foi como se tivessem me dado a notícia de um familiar”.

“Giovane e Deus me mostraram o caminho”

Tibiriçá realmente teve que se virar sozinho. Percorreu os clientes da lista fornecida por Giovane e passou a vender o guaraná em Cuiabá. Após a venda dos 300 quilos, pegou o dinheiro para pagar as contas em Manaus e adquirir mais guaraná. “Me mandei logo de volta para Manaus. Não Podia ficar fazendo despesas por aqui”.



No Amazonas, Tibiriçá comprava o guaraná do mesmo fornecedor da empresa para a qual Giovane trabalhava. Com o tempo, percebeu que se comprasse o caroço e mandasse fazer o bastão, o lucro seria maior. “E foi assim que eu fiz”.



Tibiriçá dava mais um passo no comércio do guaraná. Passara de revendedor a produtor. Ele comprou terras e passou a fabricar o próprio guaraná.

Em Cuiabá, já havia assumido todos os clientes. Todos queriam comprar o ‘guaraná do Tibiriçá’. O nome passou a ser conhecido e acabou virando uma marca. Tibiriçá acabou adotando a sigla TB, que passou a ser desenhada em cada bastão para identificar a produção do amazonense. Nascia o Guaraná Tibiriçá.

Família

A história de Tibiriçá e da família Thompson Bernardes começa décadas antes da vinda dele a Cuiabá e da decisão em trabalhar com o guaraná. Tudo começa com a vinda dos avós de Tibiriçá de Portugal para o Brasil.

Lourenço Pinto e Maria da Alegria Fonseca, pais de Balbina de Jesus Pinto e avós de Tibiriçá, vieram de navio cruzando o oceano Atlântico para trabalhar e morar no Brasil. Desembarcaram no Amazonas, onde muitos outros portugueses vinham tentar a sorte.

A viagem foi longa e quase terminou em tragédia. Balbina, mãe de Tibiriçá, tinha aproximadamente 13 anos. Já no fim da viagem, o cabo de um guindaste do navio, que era utilizado para transportar mercadoria para um barco menor bateu em Balbina. A força foi tamanha que a jovem



Manoel Bernardes



“Tia” Marcolina e Balbina

foi arremessada na água. Foi socorrida e retirada do mar. O enorme susto lhe valeu uma perna quebrada. Nunca mais andou normalmente.

Já em Manaus, Balbina conheceu e se casou com Manoel Ferreira Bernardes, também descendente de portugueses. Logo em seguida vieram os filhos Manoel, Miosótis, Helena, José, Tibiriçá, Antelki, Lucília* e Silvério*. Tibiriçá nasceu no dia 05 de abril de 1928. Uma curiosidade é que o registro dele consta a data de 1927. A explicação mostra o que acontecia naquela época e que ainda hoje se repete em muitas localidades do país. “O pessoal mais antigo, quando tinha filho, não corria para o cartório. O camarada ia quando queria. Juntava três, quatro, cinco filhos e registrava”.

* Falecidos ainda crianças



Os irmãos Antelki, Miosótis, Helena e Tibiriçá Bernardes

Manoel era carpinteiro. Foi com o pai que Tibiriçá começou a trabalhar, ainda muito novo, com idade entre 10 e 12 anos. “Papai fazia portas, janelas, escadas. Nessa idade ele me levava para ajudar no trabalho pra eu não ficar na rua”. conta Tibiriçá. Os irmãos também acompanhavam o serviço do pai. As irmãs ajudavam a passar roupa para fora.

Quando tinha 18 anos, no Colégio Dom Bosco, Tibiriçá fez curso de técnico em contabilidade. “la terminar o curso e tive que ir para o quartel. Eu não queria servir no quartel, mas eles me pegaram”. A permanência no quartel não durou muito. Serviu de 25 de fevereiro a 31 de outubro. A liberação antes do prazo normal deu-se devido à intervenção direta da mãe Balbina. Ela conhecia a esposa do capitão Expedido, comandante do Exército. Tibiriçá disse que não queria continuar no serviço militar alegando que tinha que trabalhar para ajudar nas despesas de casa. O comandante aceitou a justificativa.



Tibiriçá e Thereza

Amor à primeira vista

Tibiriçá começou a trabalhar ajudando o pai, com serviço de carpintaria. Depois arranhou um emprego na Rádio Motor, uma importadora. Mais tarde, trabalhou em sociedade com um cunhado, foi sócio em uma padaria e até dono de um hotel.

Pouco antes de ingressar no quartel, enquanto ainda trabalhava na Rádio Motor, Tibiriçá conheceu aquela que seria sua esposa e companheira ao longo de décadas. Thereza Vianna Paes foi com a mãe, Celina Vianna Paes, comprar um rádio na loja em que ele trabalhava. Os dois cruzaram olhares e foi amor à primeira vista. Naquele mesmo dia, Thereza deu uma ‘piscada’ para Tibiriçá, revelando seu interesse em conhecê-lo. Foi ele, no entan-

to, quem combinou o primeiro encontro, por intermédio de uma amiga dela.

O namoro começou às escondidas. Isto porque a família dela ainda não sabia do envolvimento dos dois e também porque Thereza estudava em um colégio religioso, que proibia que os alunos namorassem. No entanto, vestindo uniforme da escola, ela foi flagrada ao lado de Tibiriçá. Como punição, recebeu 15 dias de suspensão da escola.

Tibiriçá insistia em oficializar o namoro, mas Bebê (como Thereza é chamada) temia os pais. O impasse foi resolvido quando ele decidiu pedir autorização aos futuros sogros para se encontrar com ela. Os dois se casaram em 1950 e tiveram seis filhos: Jorge, Ana Maria, Sandra Maria*, Lourenço, Tibiriçá Filho e Rosângela Maria. A devoção de Thereza por Nossa Senhora fez colocar “Maria” no nome das três filhas.

* Falecida aos cinco meses



Thereza, Tibiriçá e seus filhos

Cidade do Guaraná

No interior do Amazonas, Tibiriçá viu a grande oportunidade de expandir seus negócios. Ao saber que a “cidade do guaraná” era Maués (267 km de Manaus), resolveu logo ir até a pequenina cidade às margens do rio Maués.

Sua primeira viagem para Maués foi de barco, o transporte mais comum naquela região onde estradas praticamente não existem. A embarcação do “Manuel Chorão” foi que levou Tibiriçá à cidadezinha.

Desceu o rio Amazonas até abaixo de Itacoatiara, subiu o Paraná do Ramos e entrou no rio Maués. Viajando noite e dia, foram 33 horas no rio. Na volta, relembra Tibiriçá “por causa da subida do rio Amazonas a viagem demorava umas 38 horas”.



Motor que faz a linha Manaus - Maués



Depósito de guaraná em Maués-AM

Nessas viagens de barco, (chamado motor na região) Tibiriçá preferia ficar no camarote que era um pouco mais tranquilo. Esses motores não tinham mais que dois camarotes. Cauteloso, ele não dormia com camarote fechado, para se precaver de qualquer acidente, apesar de que “nessa região nunca aconteceu um grande acidente com embarcações”.

Aportando na cidade foi logo em busca de fazer contato com as pessoas que produziam o bastão do guaraná.

Quando as viagens começaram a se tornar mais constantes, o “motor” foi deixado de lado. Tibiriçá agora só ia para Maués de avião. “Primeiro era um bimotor, que comportava quatro pessoas, a viagem durava uma hora. Depois aparecerem os aviões do tipo Bandeirantes, que levavam de 18 a 20 passageiros”.



“Eu levava muito dinheiro porque pagava o guaraná na hora, à vista. E podia dar complicação levar uma quantia dessas de barco”, garante.

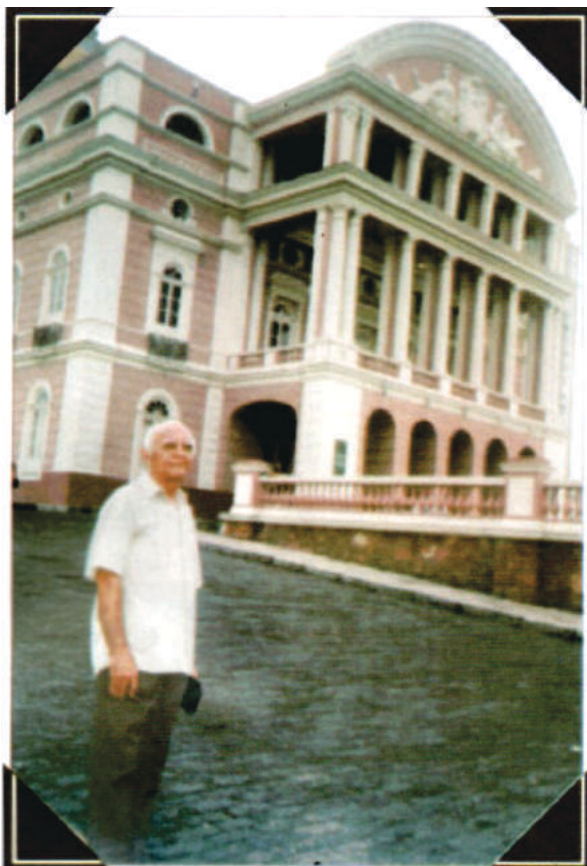
Uns quatro anos depois, com a progressão dos negócios, Tibiriçá, que comprava o guaraná em bastão para revender, resolveu fabricar o produto e assim ter uma melhor margem de lucro. Foi o que fez. Montou uma “pilação de guaraná”, onde a semente era torrada, selecionada e pilada (socada com água em um pilão) para posteriormente ser moldada em formato de bastões, que duravam até 60 dias para secar e ficarem prontos para o consumo.

“Conforme estava seco, uma, duas ou três toneladas, já eram trazidas para Cuiabá. Cheguei a trazer 20 toneladas de bastão. Vinha por água até Rondônia, e depois de caminhão até Cuiabá”. Tibiriçá relembra que o transporte atrapalhava o negócio, “durante muito tempo sem estrada asfaltada, os caminhões atolavam e tínhamos que ir fazendo ginástica para chegar com o produto”.

Nessa época Tibiriçá comprava o guaraná em caroço, dos caboclos e dos índios da região, o que dava mais lucratividade aos negócios. E os seus ‘concorrentes’ na compra do produto eram Antártica, Brahma e Santa Cláudia (fábrica de refrigerante em Manaus). “A Coca-Cola nessa época não comprava por lá”.

Com o bom andamento dos negócios, além da pilação foram montados em Maués um armazém para estocar o produto, um mercadinho, duas casas, e a “Hospedaria Popular” (hotel) com 16 apartamentos.

Tibiriçá Thompson nunca chegou a morar na “cidade do guaraná”. Só ia lá para passar umas temporadas,



Tibiriçá em frente ao Teatro Amazonas

e fazia suas compras na cidade ou na beira do rio”. O flutuante, que ficava ancorado no rio Maués praticamente na direção do armazém, serviu para compra de guaraná por cerca de 15 anos. Tibiriçá ainda teve dois guaranazais, e também comprava o produto em Cacau Pirêra, que fica a aproximadamente meia hora de Manaus, na outra margem do rio Negro.

Tibiriçá fazia todo tipo de negócio para comprar o guaraná. Chegava a comprar carros em Cuiabá para trocá-los pelo produto no Amazonas. Um dos preferidos era a cami-

principalmente na época do ano em que era feita a compra do produto. Alguns de seus filhos chegaram a morar na cidade para tomar conta dos negócios montados no município.

Até um flutuante foi comprado para facilitar a compra do caroço de guaraná. “O caboclo vinha do interior com 4,5 ou 10 quilos, já vendido no flutuante mesmo, pegava o dinheiro





nhonete Ford F75. Elas eram reformadas e levadas para a região de Maués, via Porto Velho. No total umas nove unidades desses “Santanás”, como ele apelidou o carro, foram levados para o interior do Amazonas.

As vendas do guaraná estavam de vento em popa, porém eram realizadas mais no atacado, para outras empresas e distribuidoras de alimentos. Tibiriçá resolveu, então, abrir uma loja para atender também o consumidor final, no varejo. Nascia, em 1971, a Casa do Guaraná. Thompson comprou um imóvel na rua Thogo da Silva Pereira, no centro de Cuiabá, local onde foi instalada a primeira loja.

Por sugestão do filho Jorge foi dado ao guaraná o nome “Tibiriçá”, que o pai, a princípio não queria, e hoje é conhecido no Brasil e em vários países.

Nesta época Tibiriçá controlava toda a cadeia produtiva do guaraná. Comprava o produto em caroço, produzia o bastão e vendia ao consumidor final. Para dar início a esta nova fase, seu filho mais velho, Jorge, já se mudou para a





Tibiriçá em frente a primeira Casa do Guaraná
capital de Mato Grosso com o intuito de tomar conta da recém-aberta loja.

Na década de 70 ainda não se vendia o guaraná em pó, e o produto em forma de bastões alcançava uma venda de 2 a 3 toneladas mensal. Para Tibiriçá, o maior problema no transporte do produto de Maués a Cuiabá, era a fiscalização que “por falta de experiência, queriam tirar o guaraná do barco para conferir o peso”.

O transporte via fluvial e terrestre sempre transcorreu sem problemas, a não ser um único susto que aconteceu quando o caminhão que trazia o guaraná estava chegando em Cuiabá, vindo pela Guia e Rosário Oeste. O caminhão, que transportava o guaraná acondicionado em caixas de madeira, quase caiu da ponte de ferro do Distrito da Guia, quando o assoalhado da ponte quebrou. O veículo quase tombou na água, no rio Coxipó-Açu.



Hoje já se compra guaraná em grãos no norte de Mato Grosso, pois com o passar dos anos os produtores foram aperfeiçoando a técnica de plantio e colheita, fazendo com que o produto apresentasse uma melhor qualidade.

Expansão nos negócios

Como a região do porto era uma das mais movimentadas de Cuiabá, por causa dos barcos e navios que lá aportavam e dos passageiros que ali tomavam o ônibus para o interior do estado, na praça Luiz de Albuquerque – praça do Porto – foi aberta uma filial da Casa do Guaraná. Anos mais tarde, em 1982, uma nova loja foi construída, na avenida Mário Correa, também no Porto.

A venda dos produtos também era feita para o interior do estado. “Tínhamos vendedores que pegavam o guaraná em bastão na loja para distribuir por Mato Grosso. Ou traziam o produto de volta ou o dinheiro nas mãos”, afirma Tibiriçá, confirmando que àquela época era muito difícil haver clientes ‘maus pagadores’.

Em Rosário Oeste ele vendia para dois grandes comerciantes. Uma outra região de grande consumo do produto amazônico era Cáceres. Seu filho de criação, Hermes Barroso foi quem tomou conta da sua loja aberta em 1975 naquela cidade.



*Casa do Guaraná na
Av. Mário Corrêa, em Cuiabá*



Comemoração dos 40 anos - Julho de 2011

Paralelo ao comércio de guaraná, o que Tibiricá gostava era de investir em imóveis. Construía casas, vilas e galpões para alugar. O retorno desses investimentos era revertido para as compras do guaraná.

A partir do início da década de 80 seus outros filhos começaram a sair de Manaus com destino a Cuiabá para também trabalharem com o guaraná. Em 1987 sua filha caçula se casa e o restante da família vem de vez para Mato Grosso.

Quando resolveu deixar o Amazonas, Tibiricá se desfez dos imóveis em Manaus. Seus filhos, porém, continuavam indo frequentemente para a “cidade do guaraná”.

Na década de 70 começaram a nascer os netos. Na década de 90 chegaram os primeiros bisnetos e a família Thompson Bernades continua crescendo.



Os negócios da família passaram a ser administrados pelos filhos. Mesmo não estando à frente dos negócios, Tibiriçá continua presente no dia-a-dia da empresa, e como ele mesmo diz, vai à Casa do Guaraná para “ficar manjando as coisas”.

Em 2017 Tibiriçá Thompson foi agraciado pela Câmara de Vereadores de Cuiabá com o título de “Cidadão Cuiabano”, pelos relevantes serviços prestados ao município.

Em 05 de abril de 2008, Tibiriçá Thompson se une à esposa Thereza, aos filhos, netos, bisnetos e amigos para comemorar 80 anos de vida. São oito décadas bem vividas por um homem batalhador e dedicado à família que, com muito trabalho, determinação e perseverança, superou obstáculos, conquistou amigos e venceu na vida.



Falecido em 03/07/2009 aos 81 anos.



Setembro de 2019
Cuiabá - Mato Grosso

InterGraf
SOLUÇÃO GRÁFICA
(65) 3682-4600